

Da cozinha para o mercado: a evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos nos anos 90*

Hildete Pereira de Melo**
Márcia Chamarelli Pessanha***
Luis Eduardo Parreiras****

Este artigo tem como objetivo contribuir para o estudo do trabalho doméstico, através da comparação dos rendimentos auferidos pelos trabalhadores dessa atividade com os dos demais ocupados. A escolha da variável renda como indicador de análise para este trabalho está assentada na hipótese de que o serviço doméstico remunerado é uma atividade reconhecida pela sociedade como uma tarefa “naturalmente” exercida pelas mulheres. Essa atividade representa a maior ocupação das trabalhadoras brasileiras. Em 1999, ocupava cerca de 17,2% da população ocupada feminina, e, destas, apenas 23,7% têm carteira de trabalho assinada (Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios do IBGE). São um pouco mais de cinco milhões de trabalhadores definidos como pessoas que servem a um indivíduo ou família dentro de casa. O emprego doméstico é uma das formas mais antigas de trabalho assalariado, exercido por trabalhadores masculinos e femininos no decorrer dos últimos dois séculos. Todavia é difícil fazer uma análise econômica do serviço doméstico remunerado, porque os indicadores econômicos não permitem captar as sutilezas ideológicas e culturais que essa questão envolve.

O trabalho doméstico é uma responsabilidade da mulher, culturalmente definido como “lugar da mulher”, dona-de-casa, esposa e mãe, e a execução dessa tarefa não exige nenhuma qualificação. Assim, essa atividade é o refúgio, na sociedade, dos trabalhadores com baixa escolaridade e sem treinamento, sendo realizada no interior das residências e, conseqüentemente, recebendo uma das piores remunerações dos ocupados na economia.¹ Com a preocupação desse estigma herdado socialmente de desvalorização do trabalho doméstico, este artigo faz uma análise comparativa da evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos, dos ocupados totais da economia e de uma outra categoria profissional para avaliar se há mudanças no comportamento da sociedade com relação a essa ocupação diante da enorme repercussão social no Brasil e no mundo da luta das mulheres pela sua cidadania e, portanto, pelo reconhecimento da importância dessas tarefas.

Além da comparação com o total dos ocupados, foi selecionada, também, uma outra ocupação para contraponto com o emprego doméstico: nossa escolha recaiu nos trabalhadores da indústria metalúrgica, uma atividade tão antiga como o emprego doméstico, como forma de trabalho assalariado, exercida pelos trabalhadores masculinos e femininos no decorrer dos últimos dois séculos. Considera-se, ainda, que não há nada mais díspar do que essas duas atividades, enquanto forma de organização do trabalho. A primeira confunde-se com o “ser mulher”, e a segunda é uma atividade tipicamente masculina, carro-chefe da segunda revolução tecnológica, que tem na indústria do ferro uma de suas principais atividades produtivas. Todavia a importância dessas duas atividades diminuiu no decorrer do século XX, seja porque a revolução tecnológica microeletrônica nas duas últimas décadas enxugou o chão-de-fábrica metalúrgico, seja porque o processo de desenvolvimento dos países centrais induziu a uma extinção paulatina do serviço doméstico remunerado.

* Para este artigo foi utilizada a base de dados da monografia da Economista Márcia Chamarelli Pessanha.

** Professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense.

*** Economista e Auxiliar de Pesquisa do IPEA.

**** Mestrando da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense e Técnico do IPEA.

¹ Ver, sobre o assunto, Hildete Pereira de Melo (1989; 1998; 2000), Vânia Liberato (1999) e Ruth Milkman, Ellen Reese e Benita Roth (1998).

Também as duas categorias de trabalhadores têm níveis de organização sindical distinta; enquanto os metalúrgicos são fortemente organizados em sindicatos, as domésticas, pela natureza de seu trabalho, são pulverizadas pelo interior dos domicílios, o que dificulta sua organização sindical. No entanto, enquanto os metalúrgicos sofreram, nos últimos 20 anos, um processo de robotização e diminuição dos postos de trabalho, o serviço doméstico remunerado não foi abolido e recrudescer em alguns lugares.

Possivelmente, o que explica a permanência das domésticas, tanto aqui como no resto do mundo, seja o desequilíbrio na distribuição de renda pessoal. Como esta tem se acentuado na economia mundial, as disparidades de rendas entre famílias ricas e pobres possibilita e incentiva esse tipo de trabalho, e, nessas circunstâncias, gera-se uma demanda permanente por serviços domésticos, especialmente por parte das famílias com crianças pequenas e nas quais as mães trabalham fora de casa. Enquanto isso, as atividades na indústria metalúrgica estão intimamente relacionadas às inovações tecnológicas, que têm provocado uma reestruturação produtiva importante nessa indústria e a perda de milhares de postos de trabalho.

Para fazer a comparação entre as diversas categorias de trabalhadores, os dados utilizados foram as tabulações especiais das PNADs, da década de 90. Essa pesquisa é feita anualmente pelo IBGE, a partir de uma amostra probabilística de domicílios. Os resultados da PNAD são divulgados em nível de Brasil, grandes regiões, unidades da Federação e regiões metropolitanas. Neste trabalho, foram considerados os dados das pessoas que têm renda do trabalho principal diferente de zero na área metropolitana do Brasil, que engloba as 10 regiões metropolitanas da PNAD (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Porto Alegre, Distrito Federal, Fortaleza, Curitiba e Pará). Tais dados, referentes à renda nominal, foram deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), com base em janeiro de 2000.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, mostra como, a partir dessa base de dados, foram construídas as informações necessárias referentes aos níveis absolutos dos rendimentos reais médios dos trabalhadores domésticos,² do total dos ocupados e dos metalúrgicos; segundo, analisa a renda desses trabalhadores em termos dos padrões evolutivos verificados ao longo dos anos 90.

1 – Os rendimentos reais médios do total dos ocupados, dos trabalhadores domésticos e dos metalúrgicos

Para melhor proceder-se à análise pretendida, foi inicialmente feita uma comparação entre os rendimentos dos trabalhadores domésticos e o total dos ocupados, objetivando, com isso, situar o nível de rendimentos dos trabalhadores domésticos no conjunto da força de trabalho. Em seguida, a remuneração dos trabalhadores domésticos é contrastada com a dos metalúrgicos. A análise dessas relações é feita tanto para o total dos trabalhadores considerados em cada caso, como também as informações serão abertas por sexo para todas as categorias.

Como o serviço doméstico remunerado é um espaço de absorção de mão-de-obra não qualificada, em particular da mão-de-obra feminina, espera-se que os níveis de remuneração nessa atividade sejam inferiores aos observados para o conjunto dos trabalhadores. A questão, então, é quantificar o tamanho dessa diferença. Os dados da Tabela 1 permitem verificar que há uma forte discrepância entre a renda média dos trabalhadores domésticos, uma das categorias do setor serviços na economia, e a renda real média do total dos ocupados.

² Optou-se, neste trabalho, por generalizar a ocupação serviço doméstico remunerado como trabalhadores domésticos, embora se saiba que 93% da categoria seja composta por mulheres.

Tabela 1

Evolução do rendimento real médio dos trabalhadores domésticos e do total dos ocupados no Brasil metropolitano — 1992-1999

ANOS	RENDIMENTOS DO TOTAL DOS OCUPADOS (R\$) (A)	RENDIMENTOS DOS TRABALHADORES DOMÉSTICOS (R\$) (B)	B/A (%)
1992	540,69	149,13	27,58
1993	586,47	146,25	24,94
1995	761,36	220,72	28,99
1996	782,12	238,23	30,46
1997	780,14	239,53	30,70
1998	784,46	232,50	29,64
1999	706,15	227,18	32,17
Média 1992-99	705,91	207,65	29,42

FONTES DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: Valores em R\$ de jan./00.

Analisando a média dos anos selecionados para a década de 90 no Brasil metropolitano, verifica-se que o rendimento real dos trabalhadores domésticos é 29% do rendimento do total dos ocupados, embora esse percentual tenha oscilado ao longo dos anos com um mínimo de 24,90% em 1993 e com um máximo de 32,17% em 1999.

No que se refere às diferenças por sexo no interior da categoria dos trabalhadores domésticos, os dados observados na Tabela 2 mostram que a média dos rendimentos reais das mulheres domésticas é cerca de 24% inferior à média dos rendimentos reais dos domésticos masculinos (R\$ 202,81 contra R\$ 267,09). Embora essa diferença possa, à primeira vista, ser tomada como uma manifestação, no mercado de trabalho dos trabalhadores domésticos, da discriminação de gênero existente no mercado de trabalho como um todo, a abertura dessa atividade nas subatividades que a compõem demonstra que a diferença assinalada é devida, fundamentalmente, à maior proporção de homens na subatividade de motoristas, cuja remuneração média é maior que a das outras subatividades. Ainda que isso possa ser também uma manipulação originada na discriminação de gênero quanto ao acesso diferenciado às distintas profissões, já não se trata de uma discriminação entre homens e mulheres especificamente em termos da questão salarial. Claro que o fato de haver uma concentração masculina em atividades reconhecidas como mais nobres pela sociedade explica a diferença entre os rendimentos masculinos e femininos no interior da ocupação. Permanece, portanto, o estigma da desvalorização do trabalho doméstico.

Por outro lado, buscando-se avaliar como se dão essas diferenças de gênero, na comparação com o conjunto dos trabalhadores tem-se que, para o Brasil metropolitano, a média do rendimento real dos trabalhadores domésticos masculinos representa 31,76% da média dos rendimentos reais dos homens no total dos ocupados contra 38,76% da diferença entre as médias dos rendimentos reais do total das mulheres e das domésticas. Mas a Tabela 2 também apresenta uma outra dura realidade, que é a distância que existe entre os rendimentos do total dos ocupados do sexo masculino e os do feminino: na média, os rendimentos femininos representam 62,3% dos masculinos.

Tabela 2

Evolução dos rendimentos reais médios, por sexo, dos trabalhadores domésticos e do total dos ocupados no Brasil metropolitano — 1992-1999

ANOS	RENDIMENTOS DOS HOMENS (R\$)		B/A (%)	RENDIMENTOS DAS MULHERES (R\$)		D/C (%)
	Total dos Ocupados (A)	Trabalhadores Domésticos (B)		Total dos Ocupados (C)	Trabalhadores Domésticos (D)	
1992	637,71	179,44	28,14	392,64	146,65	37,35
1993	703,43	197,27	28,04	410,08	142,30	34,70
1995	916,72	307,32	33,52	539,33	213,89	39,66
1996	924,50	278,03	30,07	581,30	234,87	40,41
1997	915,41	307,15	33,55	585,58	233,71	39,91
1998	929,55	294,33	31,66	581,28	227,77	39,18
1999	819,41	306,10	37,36	549,53	220,49	40,12
Média 1992-99	835,25	267,09	31,76	519,96	202,81	38,76

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: Valores em R\$ de jan./00.

Assim, os dados acima permitem concluir, a partir da análise da remuneração real dos trabalhadores domésticos e do total dos ocupados, que, independentemente do sexo dos trabalhadores, o serviço doméstico remunerado é uma atividade que apresenta baixos rendimentos em relação ao total dos ocupados, como está explicitado em nossa hipótese de trabalho. Agora, é preciso compararmos os níveis dos rendimentos reais médios dos trabalhadores domésticos com os níveis salariais dos trabalhadores metalúrgicos e observarmos se essa hipótese é também verdadeira para essa categoria de trabalhadores.

Essa comparação é feita na Tabela 3, onde podemos observar os níveis absolutos dos rendimentos médios dos trabalhadores domésticos e dos metalúrgicos, com os rendimentos do serviço doméstico remunerado mostrando-se, realmente, bem menores que os dos metalúrgicos. Aparentemente, nenhuma surpresa, permanecendo a certeza de que as atividades do serviço doméstico remunerado são uma das piores remunerações da economia. No Brasil metropolitano, ao observarmos a média dos anos selecionados para a década de 90, constatamos que o rendimento real médio dos trabalhadores domésticos representa 26% do rendimento dos metalúrgicos, ainda que esse percentual tenha oscilado entre um mínimo de 20,45% em 1993 e um máximo de 31,46% em 1997.

Tabela 3

Evolução do rendimento real médio dos trabalhadores domésticos e dos trabalhadores metalúrgicos no Brasil metropolitano — 1992-1999

ANOS	RENDIMENTOS DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS (R\$) (A)	RENDIMENTOS DOS TRABALHADORES DOMÉSTICOS (R\$) (B)	B/A (%)
1992	712,47	149,13	20,93
1993	715,24	146,25	20,45
1995	874,16	220,72	25,25
1996	851,97	238,23	27,96
1997	761,33	239,53	31,46
1998	895,24	232,50	25,97
1999	746,97	227,18	30,41
Média 1992-99	793,91	207,65	26,16

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: Valores em R\$ de jan./00.

Analisando como os distintos níveis dos salários médios se apresentam, separadamente, para homens e mulheres, temos que, no Brasil, ao longo da década de 90, a média dos rendimentos reais do conjunto dos trabalhadores domésticos do sexo feminino ficou em torno de 32% da média do salário real das mulheres do setor metalúrgico, sendo essa média menor que a verificada entre os rendimentos das mulheres domésticas e os rendimentos femininos do total dos ocupados (39% na média dos anos selecionados). Já em relação à remuneração para o sexo masculino, nota-se que os salários dos trabalhadores domésticos foram cerca de 32,70% dos rendimentos dos metalúrgicos, situação esta bastante similar ao resultado obtido entre os níveis dos domésticos e o total dos ocupados do sexo masculino, que foi de 31,76% (Tabela 4). Portanto, essa série de resultados leva à conclusão de que o nível de remuneração dos trabalhadores domésticos é cerca de um terço dos rendimentos do conjunto dos trabalhadores metropolitanos brasileiros.

Tabela 4

Evolução dos rendimentos reais médios, por sexo, dos trabalhadores domésticos e dos trabalhadores metalúrgicos no Brasil metropolitano — 1992-1999

ANOS	RENDIMENTOS DOS HOMENS (R\$)		B/A (%)	RENDIMENTOS DAS MULHERES (R\$)		D/C (%)
	Trabalhadores Metalúrgicos (A)	Trabalhadores Domésticos (B)		Trabalhadores Metalúrgicos (C)	Trabalhadores Domésticos (D)	
	1992	717,63		179,44	25,00	
1993	749,00	197,27	26,34	486,07	142,30	29,28
1995	911,96	307,32	33,70	605,42	213,89	35,33
1996	892,09	278,03	31,17	592,93	234,87	39,61
1997	783,20	307,15	39,22	589,27	233,71	39,66
1998	913,05	294,33	32,24	736,94	227,77	30,91
1999	742,39	306,10	41,23	776,17	220,49	28,41
Média 1992-99	815,62	267,09	32,70	637,64	202,81	32,12

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: Valores em R\$ de jan./00.

2 – Evolução dos rendimentos reais médios dos trabalhadores domésticos na década de 90

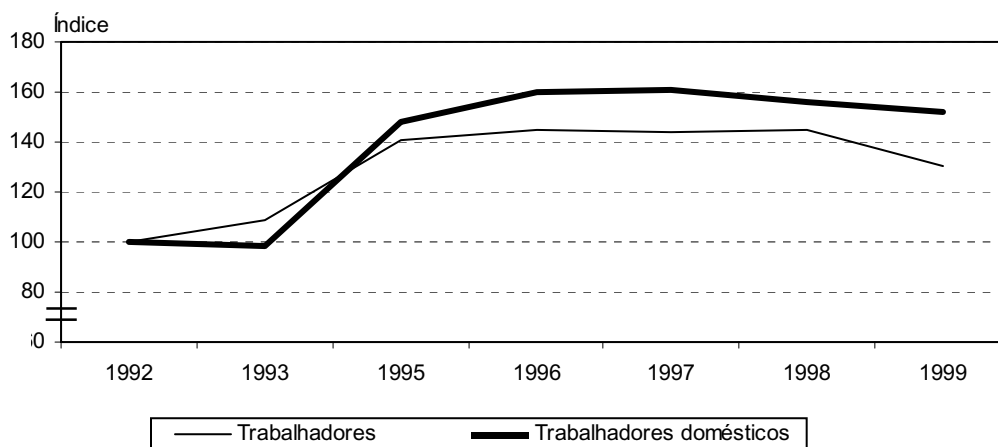
Nesta parte do trabalho, pretende-se analisar a evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos ao longo dos anos 90, relacionando essa evolução com a do total dos ocupados e a dos trabalhadores metalúrgicos. Assim, inicialmente, essa comparação será feita entre os trabalhadores domésticos e o total dos ocupados, procurando, dessa maneira, enquadrar a evolução dos rendimentos reais dos domésticos no conjunto da mão-de-obra econômica ao longo da década. Em segundo lugar, será feito um contraponto entre a evolução dos rendimentos reais médios dos trabalhadores domésticos e dos metalúrgicos, mostrando e discutindo as distintas trajetórias percorridas por essas categorias ao longo da década. A análise de tais padrões evolutivos dos rendimentos será feita tanto em relação ao total dos trabalhadores considerados em cada situação quanto em relação aos homens e mulheres, separadamente; dessa forma, pode-se especificar as diferenças, por sexo, quanto aos rendimentos de mulheres e homens.

Como mostra o Gráfico 1, apesar do serviço doméstico ser uma categoria que apresenta baixos rendimentos, sua evolução, no Brasil metropolitano, na segunda metade da década de 90 foi sensivelmente mais favorável que a do total dos ocupados. Esse é um resultado surpreendente. Provavelmente, o dinamismo da participação feminina no mercado de trabalho explica essa evolução.³ Como a escola em horário integral e as creches são um luxo na sociedade brasileira, é seguramente mais barato contratar uma empregada doméstica para cuidar das crianças e das tarefas de arrumar e cozinhar; dessa maneira a demanda por esse serviço manteve-se aquecida nesses anos.

Assim, o Gráfico 1 mostra que, no Brasil, o índice do rendimento do total dos ocupados subiu em 1993, enquanto o dos trabalhadores domésticos diminuiu ligeiramente no mesmo ano, passando a ser superior ao do total dos trabalhadores em 1995 e mantendo-se assim até o final da década.

Gráfico 1

**Evolução dos rendimentos reais médios no
Brasil metropolitano — 1992-1999**



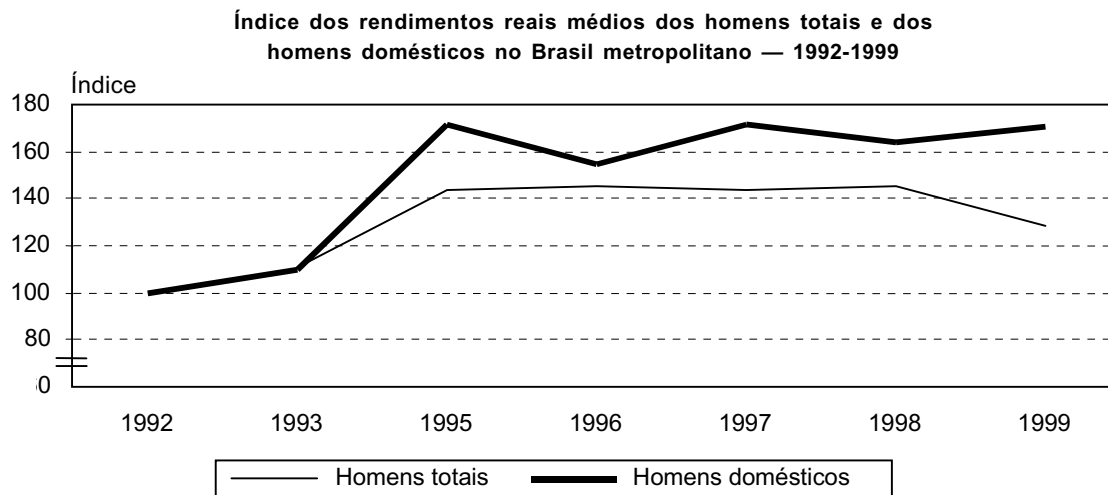
FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: 1. Os índices têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Cabe ainda analisar os padrões evolutivos em termos de salários médios, separadamente, para homens e para mulheres, como foi feito na análise dos níveis absolutos. Nesse caso, o Gráfico 2 mostra a trajetória dos rendimentos masculinos do total dos ocupados e no serviço doméstico remunerado; da mesma forma, o Gráfico 3 relaciona as mesmas informações para o sexo feminino. É interessante perceber que, mesmo possuindo uma evolução diferente depois dos anos iniciais da década, quando as trajetórias não apresentam um padrão bem definido, os índices reais médios dos trabalhadores domésticos estão acima dos trabalhadores da economia como um todo, sejam eles homens ou mulheres. No final da década, os índices dos rendimentos das mulheres caminham paralelamente, enquanto os dos trabalhadores masculinos totais e domésticos possuem trajetórias divergentes.

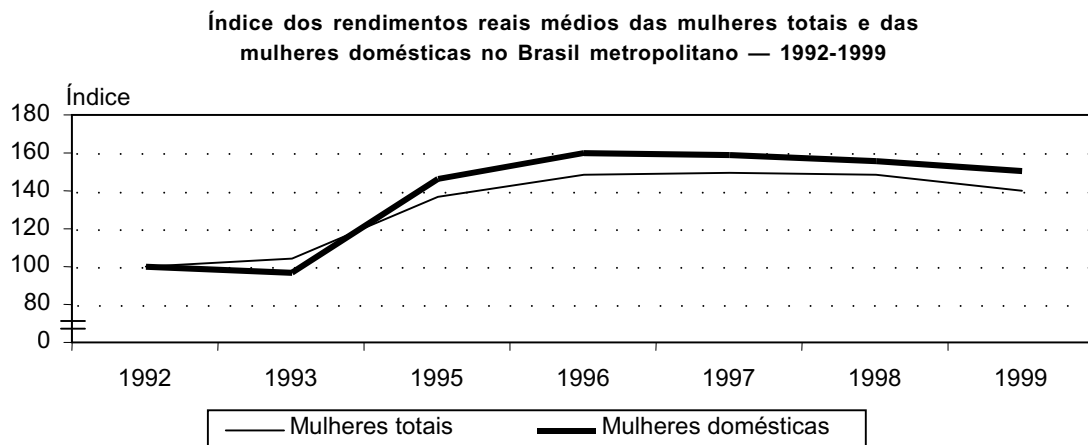
³ Nos anos compreendidos entre 1985 e 1995, a taxa de crescimento do emprego feminino foi de 3,68% ao ano, para uma taxa de 2,37% do emprego total. Ver Hildete Pereira de Melo (2000).

Gráfico 2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: 1. Os valores têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Gráfico 3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

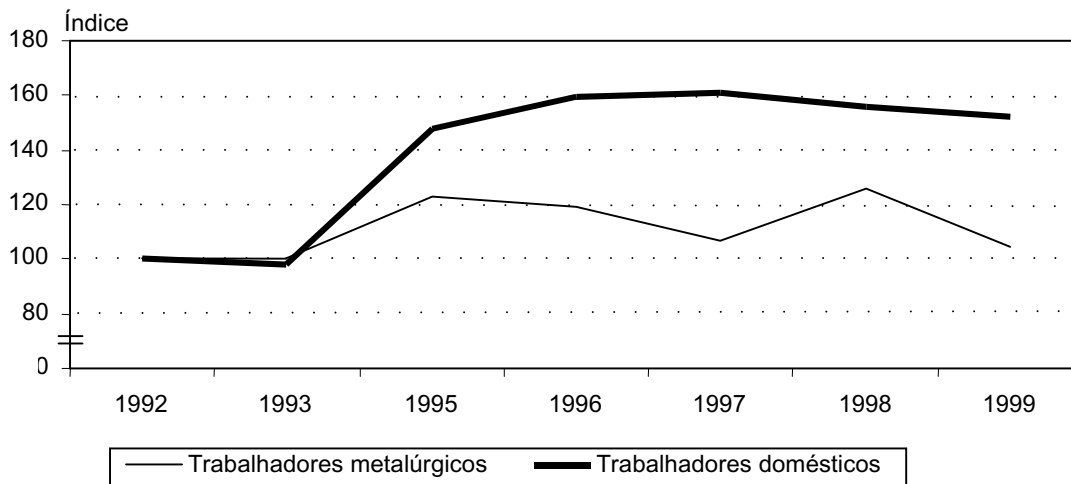
NOTA: 1. Os valores têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Da mesma forma que na análise anterior, quando se fez referência aos níveis absolutos dos rendimentos das duas categorias — domésticos e metalúrgicos —, a evolução dos rendimentos de ambas as categorias ao longo dos anos 90 também merece ser comparada. Como mostra o Gráfico 4, referente aos índices de salários médios dos trabalhadores domésticos e dos metalúrgicos no Brasil metropolitano, suas trajetórias apresentam diferenças significativas. A evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos manteve uma certa estabilidade a partir de 1996, enquanto o índice dos rendimentos dos trabalhadores da indústria metalúrgica oscilou bastante nos anos 90 e, principalmente, evoluiu em um patamar sensivelmente inferior ao verificado no caso dos domésticos.

Gráfico 4

Evolução dos rendimentos reais médios dos trabalhadores metalúrgicos e dos trabalhadores domésticos no Brasil metropolitano — 1992-1999



FORNTE DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

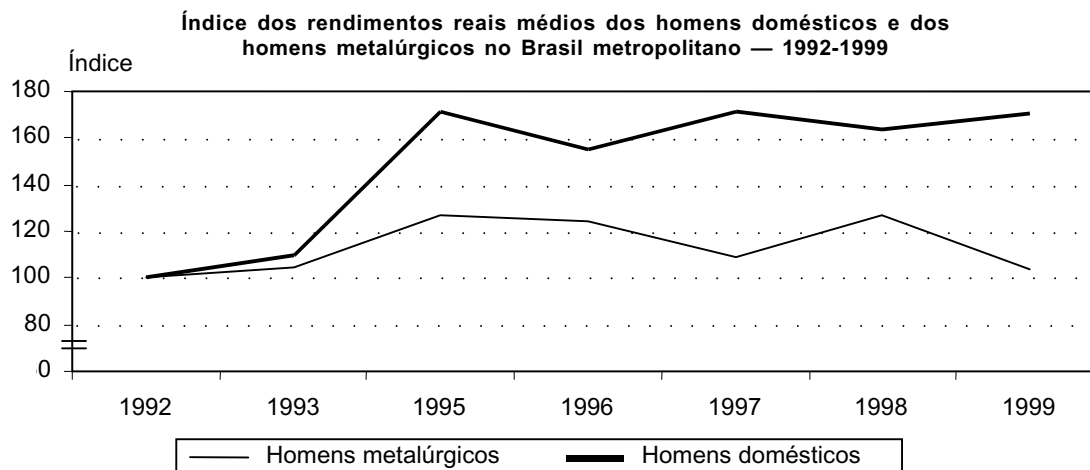
NOTA: 1. Os valores têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Embora os salários médios do total dos ocupados e dos metalúrgicos sejam mais elevados do que os dos trabalhadores domésticos, como ficou visto na primeira parte deste trabalho, o padrão evolutivo dos rendimentos reais médios mostra que os domésticos tiveram um desempenho melhor. Comparando-se os padrões evolutivos, desagregadamente, para homens e mulheres, verifica-se que, independentemente do sexo, os índices de evolução dos salários médios reais dos trabalhadores domésticos estão acima dos referentes aos trabalhadores metalúrgicos. O Gráfico 5 mostra que os rendimentos dos metalúrgicos do sexo masculino, no Brasil, apresentam um padrão evolutivo muito similar ao do total dessa categoria, como visto anteriormente, em função do peso que os homens possuem na mesma.

No caso dos índices das remunerações das mulheres metalúrgicas (Gráfico 6), deve-se ressaltar a trajetória divergente em relação às das trabalhadoras domésticas: enquanto os rendimentos destas últimas cresceram, o índice das metalúrgicas mantém-se inferior ao de 1992, passando a crescer no momento em que caem os rendimentos das trabalhadoras domésticas, havendo, no final da década, uma tendência à convergência.

Gráfico 5

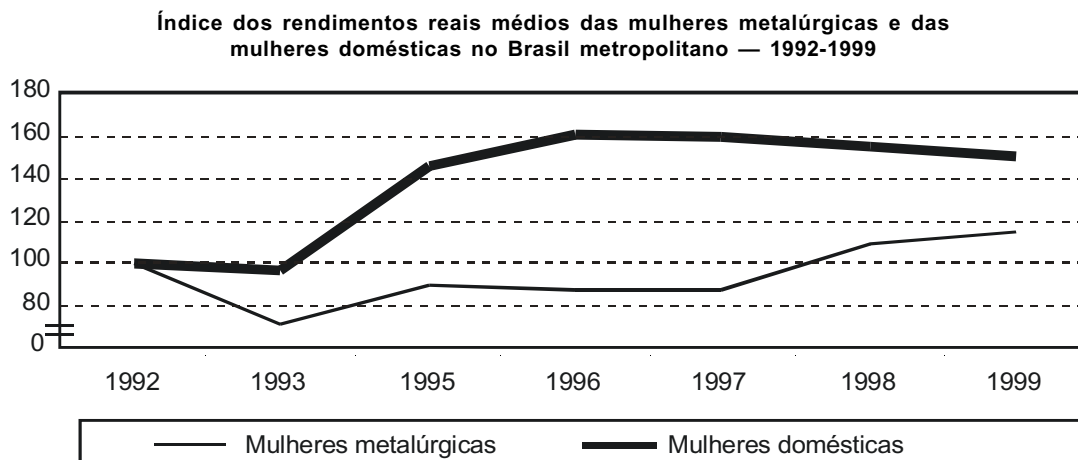


FONTES DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: 1. Os valores têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Gráfico 6



FONTES DOS DADOS BRUTOS: PNAD-IBGE.

NOTA: 1. Os valores têm como base 1992 = 100.

2. Valores em R\$ de jan./00.

Conclusões

Os resultados deste trabalho, além de convalidarem a noção intuitiva de que o serviço doméstico é uma das ocupações de pior remuneração da economia, trazem uma novidade merecedora de atenção: a evolução dos rendimentos reais médios desses trabalhadores ao longo da década de 90 foi sensivelmente superior à do conjunto dos trabalhadores e também à de uma categoria de trabalhadores — os metalúrgicos — situada no outro pólo do espectro profissional, tanto pelas determinações de gênero e de qualificação como de organização sindical. Mesmo que os dados sejam relativos às regiões metropolitanas, o peso destas na economia não deixa dúvidas quanto ao significado social dessa evolução.

Essa foi uma década particularmente difícil para os trabalhadores nacionais —desemprego crescente e conseqüente queda dos salários —, mas, para o conjunto dos trabalhadores domésticos, houve, de certa forma, um reconhecimento da importância desses afazeres para a população na medida em que os salários subiram. Será que isso pode ser interpretado como uma lenta mudança de comportamento quanto à invisibilidade do trabalho doméstico? Fica a indagação para posteriores pesquisas.

Uma questão ainda permanece: a desigualdade de rendimentos entre os sexos masculino e feminino fica mais explícita quando se analisa o caso do serviço doméstico remunerado. Houve, na década, uma melhoria nos rendimentos desses trabalhadores, mas os homens, nessa atividade, têm melhores rendimentos que as mulheres. Os dados analisados no trabalho mostram que a discriminação dos rendimentos ainda vigora entre os dois sexos, tanto na ocupação total como nos metalúrgicos e nos domésticos, mesmo que, nestes últimos, haja uma diferente participação masculina, pois estes exercem outras funções, tais como de motoristas e jardineiros das famílias abastadas.

Uma palavra deve ser dita quanto aos trabalhadores metalúrgicos. Estes, apesar de serem a elite dos trabalhadores industriais, portanto, com características particularmente distintas dos trabalhadores domésticos, como a qualificação, a composição por sexo e o grau de organização sindical, perderam renda ao longo da década, provavelmente em decorrência da reestruturação produtiva (abertura da economia, política cambial, mudanças tecnológicas) que afetou a produção, o emprego e os salários da mão-de-obra metalúrgica. Assim, a evolução dos rendimentos dos metalúrgicos ficou bem aquém da verificada para o total dos trabalhadores e, mais importante, acentuadamente inferior à dos trabalhadores domésticos. Para estes, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, numa sociedade carente de infra-estrutura escolar, manteve aquecida a demanda por esse serviço, enquanto os metalúrgicos estão sendo aniquilados pela globalização.

Bibliografia

LIBERATO, Vânia C. A dinâmica do serviço doméstico remunerado nos anos noventa no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL ABET, 6., Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos do trabalho, 1999.

MELO, Hildete Pereira de. O desemprego no feminino. **Archétypon**, ano 8, n.22, jan./abr. 2000.

MELO, Hildete Pereira de. Feminist and domestic workers in Rio de Janeiro. In: CHANEY, E., CASTRO, M. G. (eds). **Muchachas no more** – household workers in Latin America and the Caribbean. Philadelphia, USA: Temple University Press, 1989. Versão em castelano pela Editorial Nueva Soledad, 1993.

MELO, Hildete Pereira de. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras.** Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para Discussão, n.565). Com o título de “Criadas a trabalhadoras” em Estudos Feministas, IFCS/UFRJ, v.6, n.2/98.

MELO, Hildete Pereira de. **Trabalhadoras domésticas: o eterno lugar feminino:** uma análise dos grupos ocupacionais. [s.l.]: OIT/IPEA, 2000. (Relatório de Pesquisa; mimeo).

MILKMAN, R., REESE, E., ROTH, B. A macrosociologia do trabalho doméstico remunerado. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo:** Gênero, tecnologia e trabalho, ano 4, n.7, 1998.

PESSANHA, Márcia Chamarelli. **Além da senzala, próximo do mercado:** uma análise da evolução dos rendimentos dos trabalhadores domésticos na década de 90. Monografia (Conclusão de curso) - Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2/2000.